

**A LITERATURA DE ANGOLA, MOÇAMBIQUE,
SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE E O PROBLEMA DA LÍNGUA***

Fernando Augusto Albuquerque Mourão
Centro de Estudos Africanos da USP

A denominação sob a qual estas literaturas têm sido registradas permite compreender sua evolução e o contexto em que se inserem na perspectiva da sua evolução no tempo. Denominações de circunstância foram e são ainda utilizadas, mostrando seu caráter provisório, e, em alguns casos, mesmo inadequadas.

Em 1953, surge em Lisboa o *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*¹, por iniciativa do intelectual Mário de Andrade, na época estudante, e do santomense Francisco José Tenreiro. Essa publicação marcou uma posição contra a ideologia de assimilação cultural, objetivo da política cultural portuguesa em África. O movimento da negritude de Leopold Senghor e Aimé Césaire — no momento uma forma de reação contra a corrente assimilacionista da França colonial — fazia escola entre alguns jovens intelectuais das colônias portuguesas que se defrontavam com problemas semelhantes, embora os dois processos tivessem apresentado características específicas. Mário de Andrade namorou vários anos com a negritude até que, já em Paris, se distancia do movimento, enquanto Francisco José Tenreiro, um dos mais notáveis poetas de São Tomé, permaneceu relativamente ligado a essa corrente.

A “Canção de Sabalu”, *Miumbu ua Sabalu*, poema carregado de simbolismo, é a expressão do uso do kimbundo por Mário de Andrade, como forma de reação à assimilação — um tipo de adaptação cultural que a partir dos anos 40 tendia cada vez mais à unilateralidade, reforçando a hegemonia cultural portuguesa — interrompendo o processo tradicional do contato mais espontâneo, onde esta adaptação tinha natureza dupla. Em seu lugar instau-

1 ANDRADE, Mário e TENREIRO, Francisco. *Cadernos de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. Lisboa, 1953.

* Texto de conferência proferida na Academia Brasileira de Letras, 7/7/83.

ra-se uma adaptação provocada, que se acentua com o aumento do percentual de população branca em Angola, registrada após os anos 50.

Em 1959, Mário de Andrade², já morando em Paris e integrado à revista *Présence, Africaine*, publica através da editora de Oswald Jean Pierre, a *Antologia de poesia negra*, obra de referência obrigatória, que se tornou clássica. Tanto o texto de 1953 quanto o de 1959 são lidos e relidos pelos estudantes africanos em Portugal e serviram de ponta de lança para demonstrar, perante o chamado mundo culto ocidental, a existência e a especificidade de uma literatura negra nos espaços coloniais de Portugal. Essas antologias estão no espírito do então Centro de Estudos Africanos que funcionou em Lisboa na primeira metade dos anos 50, agrupando Agostinho Neto, Mário de Andrade, Amílcar Cabral e Francisco José Tenreiro, entre seus membros mais conhecidos.

Na segunda metade dos anos 50 o programa do Centro de Estudos Africanos é retomado ao nível da Casa dos Estudantes do Império (Lisboa, Coimbra e Porto), com a criação de um setor de estudos africanos, que orientei durante alguns anos. Com o início da atividade editorial dessa entidade — devida a Costa Andrade, poeta, e a Carlos Ervedosa, ensaísta, ambos naturais de Angola — numerosos autores foram dados a conhecer. Surgem textos de Luandino Vieira, António Jacinto, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Mário António, Arnaldo Santos, António Cardoso, Manuel Lima, Costa Andrade, Alexandre Dáskalos, Henrique Abranches, Thomaz Vieira da Cruz, um dos precursores é tantos outros a par da edição de antologias de poetas de Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, estas com introdução de Alfredo Margarido e a de *Contistas angolanos*, em 1960, com um estudo de minha autoria. Sem haver uma linha de continuidade ou qualquer elo, até certo ponto esse movimento pode ser considerado uma retomada da chamada imprensa africana em Lisboa, que nas primeiras décadas do século, após a proclamação da República, havia congregado principalmente santomenses, caboverdianos e alguns angolanos, criando os jornais *O Negro* e *A Voz de África*, este último, porta-voz da Junta de Defesa dos Direitos de África, exprimindo o eco da presença da corrente do pan-africanismo.

No final desse período, surgiram, entre outros, o escritor santomense Mário Domingues, autor do romance autobiográfico *Menino entre gigantes*³, publicado tardiamente em Lisboa, e António Aurélio Gonçalves, esse excelente novelista das ilhas de Cabo Verde. Também por essa época, o escritor Castro Soromenho, nascido em Moçambique e desenvolvendo atividades de raiz no território angolano, começava a se tornar conhecido. Agualdo

da Fonseca, poeta caboverdiano radicado em Lisboa, já na fase posterior, nos anos 50, escreve uma série de poesias em que o tema África ganha lugar. Manuel Duarte, o meu bom amigo Manecas Duarte, já falecido, escreve em Coimbra *Caboverdianidade e africanidade*, publicado em *Vértice*, vol. 14, 1954.

O tema *negro e africanidade*, expressões de afirmação por parte dos africanos reagindo à assimilação, foi utilizado como uma expressão do nacionalismo africano nascente, em torno do qual se reuniram mestiços, negros e brancos de variadas orientações. O isolamento em que se encontrava Lisboa e as então colônias, a par das conseqüências assimilacionistas, não permitiram que essas gerações tivessem um conhecimento mais profundo do movimento da negritude, das expressões culturais que despontavam ou se firmavam nas colônias francesas e inglesas em África. Tirando uns poucos, essa literatura não fazia eco, permanecendo mais a título de legenda. De certa forma, o mesmo ocorreu com a hipótese levantada por Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala*, que inicialmente gerou muita confusão. A idéia central do conceito de lusotropicalismo atraiu a atenção, mas na medida em que se tornou mais conhecida, ocorreu um afastamento. Por algum tempo, o conceito conseguiu galvanizar o interesse de muitos pela simpatia com que apresentava o elemento negro, visto como uma das variáveis da formação cultural brasileira, até que surgiu, por extensão, o conceito de lusotropicalismo, ideologia utilizada como justificativa do processo colonial. Recordo-me que, no III Colóquio Luso-Brasileiro que teve lugar em Lisboa, em 1957, para discutir o lusotropicalismo, António Soares Amora, então Professor de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo chamou a atenção para a ambigüidade do termo e sobre as conseqüências das várias leituras possíveis da expressão.

A passagem de uma fase de maior interação física e cultural à sua gradual diminuição com o assentamento de numerosos contingentes de população branca, a tentativa de transpor valores culturais da Metrópole para as terras da África, como por exemplo a substituição do carnaval tradicional de Luanda por uma festividade mais a gosto metropolitano, que é retomado com a independência de Angola, o Carnaval da Vitória, tema de um filme do cineasta angolano António Ole, o eco do pan-africanismo e mais tarde da negritude, a par do nativismo de raiz brasileira, nem sempre captado em face do isolamento do espaço português, justificam em parte a natureza ambígua das correntes culturais que encontraram o seu denominador comum no nacionalismo e no gosto pelo tratamento das coisas populares, próprias à pequena-burguesia em formação, situação social que no contexto do fato colonial gerou contradições que levaram ao desenvolvimento do processo nacionalista.

2 ANDRADE, Mário. *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*. Paris, Pierre Jean Oswald, 1959.

3 DOMINGUES, Mário. *Menino entre gigantes*. Lisboa, Prelo, 1960.

Em 1975, já no processo da independência das ex-colônias, Mário de Andrade⁴ publica em Lisboa a *Antologia temática da poesia africana*, volume I – “Na noite grávida dos punhais” e, em 1979, o volume II – “O Canto armado”, de uma série de 3 volumes. Aqui o autor já não utiliza a denominação “negra” ou “expressão portuguesa”, substituindo pela denominação “poesia africana”. Alfredo Margarido⁵ inova a denominação, dando o título de *Estudos sobre literaturas das Nações africanas de língua portuguesa* a uma obra editada em Lisboa em 1980, que reúne vários artigos publicados nos últimos anos, dando ênfase à denominação “nações africanas”. Manuel Ferreira⁶ lança em 1975 a antologia poética *No reino de Caliban* – Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa, volume I Cabo Verde e Guiné-Bissau – e, em 1976, faltando o volume III – Moçambique, enfatizando em todos a expressão “poesia africana” e “expressão portuguesa”. Pires Laranjeira⁷, autor português, utiliza “expressão angolana” no seu estudo *Antologia da poesia pré-angolana*, cuja edição foi em 1976.

É curioso salientar a posição do professor norte-americano Russel Hamilton⁸ que em *Voices from an Empire* – A history of Afro-Portuguese literature, 1975, opta pela denominação “Literatura da África lusófona”, expressão que utiliza com o objetivo de colocar a literatura das ex-colônias portuguesas no mesmo nível da literatura africana francófona e da anglófona. Hamilton coloca essas literaturas no mesmo plano, mas utiliza a denominação “África lusófona” para valorizá-la. Como vimos, boa parte das denominações utilizadas relacionam-se ora com uma perspectiva de resistência cultural, ora com a de enfatizar o papel da Língua Portuguesa, refletindo a circunstancialidade do fato histórico.

O português é hoje, em África, a língua oficial e uma das principais línguas veiculares, a par do crioulo que se fala em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Para o escritor caboverdiano Luis Romano, o crioulo deve ser considerado a língua nacional do seu país.

- 4 ANDRADE, Mário. *Antologia Temática da Poesia Africana*. Volume I, “Na noite grávida dos punhais”. Lisboa, Sá da Costa, 1975. *Antologia Temática da Poesia Africana*. Volume II, “O canto armado”. Lisboa, Sá da Costa, 1979.
- 5 MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre Literaturas das Nações Africanas de Língua Portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.
- 6 FERREIRA, Manuel. *No Reino de Caliban – Antologia Panorâmica da Poesia Africana de Expressão Portuguesa*. Vol. I: Cabo Verde e Guiné-Bissau. Lisboa, Seara Nova, 1975. Vol. II: Angola e São Tomé e Príncipe. Lisboa, Seara Nova, 1976.
- 7 LARANJEIRA, Pires. *Antologia da Poesia Pré-Angolana*. Porto, Afrontamento, 1976.
- 8 HAMILTON, Russel G. *Voices from an Empire. A History of Afro-Portuguese Literature*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1975.

A língua crioula tem sido objeto de bons estudos. Para Cabo Verde, citaria os trabalhos de Baltasar Lopes⁹, estudo já considerado clássico, e o de Dulce Almada¹⁰. Para São Tomé e Príncipe, o estudo de Luis Ivens Ferraz¹¹ e para a Guiné-Bissau os estudos de Luigi Scantamburlo e o do padre A. Biasutti¹². O uso do crioulo e sua importância nem sempre têm sido bem compreendidos. Baltasar Lopes¹³ refere-se à posição de Gilberto Freyre da seguinte forma: “Quanto ao crioulo, foi grande a minha surpresa em ver que Gilberto Freyre emprega, em *Aventura e Rotina* e em *Um brasileiro em terras portuguesas*, o verbo “repugnar” e o substantivo “repugnância” para definir a sua atitude de sociólogo perante o crioulo: “... Gilberto Freyre, ao que suponho, preocupa-se, no respeitante ao crioulo, com aquilo que também julgo ser a conveniência de povos da mesma formação portuguesa se exprimirem no idioma comum normal. Ninguém lhe tira a razão, mas que mal vem ao mundo se, por exemplo, na França aparecer um Mistral e dar dignidade literária à cultura do Meio-Dia francês, e, em Cabo Verde, um Eugénio Tavares a ser bom poeta em crioulo, o bom poeta que ele não é em português?”

Assim como o crioulo, o swahili, falado no norte de Moçambique, é uma língua veicular. Ainda em Moçambique, por influência da África do Sul, registramos o uso do inglês “das minas”, língua falada por milhares de moçambicanos que migram por períodos mais ou menos longos a fim de trabalhar com mineiros. Na Guiné-Bissau, por influência de países vizinhos, utiliza-se também o francês.

A partir das independências registra-se a simpatia com que os povos africanos vêem a possibilidade de alfabetização nas línguas africanas principais, as chamadas línguas nacionais de cada país ou Estado. Em Angola, por exemplo, a par do português como língua oficial e veicular, aparecem as línguas nacionais principais¹⁴: kikongo, kimbundo, cokwe, umbundo, mbunda e kwanyama. O Instituto Nacional de Línguas de Angola está, de

- 9 LOPES, Baltasar. *O Dialeto Crioulo em Cabo Verde*. Lisboa, 1957.
- 10 ALMADA, Maria Dulce de Oliveira. *Cabo Verde – Contribuição ao estudo do dialeto falado no arquipélago*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1958 (tese mimeografada).
- 11 FERRAZ, Luiz Ivens. *The creole of São Tomé*. Johannesburg, Witwatersrand University Press, 1979.
- 12 SCANTAMBURLO, Luigi. *Gramática e Dicionário de Língua Crioula da Guiné-Bissau*. Bolonha, Ed. Missionária, 1981.
- BIASUTTI, Padre A. *Vocabulário Kriol-Portugis*. Batafá, Ed. Missão Católica, 1982.
- 13 LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia, Imprensa Nacional, 1956, p. 27.
- 14 Instituto Nacional de Línguas. *História sobre a criação dos alfabetos em Línguas Nacionais*. Luanda, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980.

momento, terminando estudos referentes aos alfabetos nessas línguas, utilizadas já em programas de rádio.

Felizmente o estudo das raízes africanas no português do Brasil já começa a ser objeto de estudo. Atualmente Celso Cunha, no Rio de Janeiro, e Yeda Castro, em Salvador, têm produzido bons resultados.

O português, na África, também toma várias formas. O de Angola, mais especificamente o de Luanda, aproxima-se do português do Brasil e registram-se numerosos acréscimos, principalmente devido à fusão com as línguas locais. Em Moçambique, no caso de Maputo, o português escrito aproxima-se do de Portugal. A pesquisadora sócio-lingüística Juju Evangelina Menrigoux¹⁵, por seu turno, afirma que as tendências atuais da mudança da Língua Portuguesa de Moçambique “estão muito mais para o português do Brasil do que para o português de Portugal”, a partir dos resultados de pesquisa que realizou sobre o uso do português oral naquele país. Contudo, no caso do uso da Língua Portuguesa em literatura, acredito que minha afirmação anterior ainda permaneça correta.

É natural que, com a difusão do aprendizado da Língua Portuguesa em larga escala — que vem ocorrendo ultimamente pois os países que conquistaram a independência recentemente, estão dando especial ênfase à alfabetização —, surjam novos fenômenos lingüísticos. Em breve novos acréscimos serão registrados. As particularidades do português são novamente objeto de um projeto de estudo, dirigido pelo Professor Jean-Michel Massa, da Association pour le Développement des Études Portugaises et Brésiliennes da Universidade de Haute Bretagne, em Rennes, instituição que vem coordenando a elaboração de um dicionário das “particularidades das línguas portuguesas”.

O simbolismo, a “conexão entre o símbolo e o objeto deve ser natural e não apenas convencional” (E. Cassirer), o ritmo, a entonação e a gradação que muda o sentido de uma palavra em algumas línguas africanas — as entonações — “são sentidos como caracteres integrantes dos próprios vocábulos” (E. Sapir), levaram certamente à ocorrência de mutações lingüísticas.

O problema da língua é uma questão essencialmente política para cada um dos “países de língua comum”: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe. Os desdobramentos, os acréscimos, as mudanças devem seguir o seu ritmo normal, sem que qualquer dos países de língua comum tenha a pretensão de se impor aos outros, o que resultaria certamente em formas de resistência cultural, tal como ocorreu e, até certo ponto, vem ocorrendo. Cada país de língua comum deverá proceder a estudos sistemáticos na linha defendida por Celso Cunha¹⁶,

em seu livro recente, *Língua, Nação, Alienação*, p. 32: “Sem o reconhecimento científico da nossa realidade lingüística — sem sabermos quais as normas tradicionais que estão vivas e quais as que estão superadas — continuaremos a entorpecer o ensino do idioma com uma inútil sobrecarga de fatos inoperantes e a retardar a incorporação à comunidade da plenitude produtiva desta imensa população de analfabetos”. Antônio Houaiss¹⁷ também levanta o problema da “grande aventura da mutação da Língua Portuguesa no Brasil desde o Descobrimento: o conagraçamento dos falares lusitanos, índios e africanos”, assim como Josué Montello¹⁸, em artigo recente, mostrou a importância da difusão e do estudo das “literaturas africanas de língua portuguesa” no Brasil.

Boa parte dos autores de países que cabem nesta exposição, Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe — assim como os de Cabo Verde, Guiné-Bissau, que são tema de outra palestra dentro deste curso — oferecem exemplos específicos da problemática lingüística numa perspectiva de tempo ou tempos de circunstância. Entre os autores angolanos podemos citar, por exemplo, Uanhenga Xitu, nome kimbundo de Mendes de Carvalho, que no seu conto “*Mestre Tamoda*”¹⁹, mostra como ocorrem os acréscimos lingüísticos resultantes dos contatos entre a língua portuguesa e o kimbundo, através da estória de Tamoda, um antigo empregado de um juiz português em Luanda, que, aposentado, regressa à senzala natal, aproveitando o tempo para “ajudar” as crianças no aprendizado do português, a partir das leituras que fizera, durante anos, nos velhos dicionários que encontrou na casa do juiz. Dessa situação surge um conflito com a professora, com a própria comunidade e com as autoridades coloniais locais. No texto, extremamente absorvente, o autor — através de uma trama dramática e ao mesmo tempo jocosa, utilizando palavras ora em português, ora em kimbundo, ora em acréscimos — mostra como o universo de cada uma das personagens do conto se chocam. Vejamos, então, a passagem:

- “ — Quem te ensinou este português?
— Nós ouvimos ontem no sungi, sô-psora.
— De quem?
— Do mano Tamoda, sô-psora...
— Então, para se esquecer dele, vais levar uma lição.
E o rapaz foi cruelmente palmatoado e varado.

17 HOUAISS, Antônio. Um rascunho nacional, Folhetim, p. 6/7, *Folha de São Paulo*, 15/8/82.

18 MONTELLO, Josué. Novas Vozes d'África, Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 5/7/83.

19 XITU, Uanhenga. *Mestre Tamoda e Kahitu*. São Paulo, Ática, 1984.

15 *O Globo*, 18/10/82 (Português de Moçambique se aproxima do “brasileiro”, correspondência de Maputo assinada por Isabel Cristina Mauad).

16 CUNHA, Celso. *Língua, Nação, Alienação*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

— Fiquem já avisados — dizia a professora, dirigindo-se para os alunos. — Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. E todo aluno que for denunciado que continua a usá-lo será castigado. E como exemplo está aí o vosso colega — Kidi ainda choramingava e torcia-se. — Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates! ...

A seguir a esta preleção, a professora, com a ajuda dos alunos mais crescidos, fez uma busca geral nos livros, pastas, carteiras e bolsos dos alunos. Conseguiu caçar folhas soltas de dicionários, além de cadernos completamente cheios de putos do Tamoda*. A última parte da aula limitou-se a isso.

Da escola a casa, pelo caminho, os fans do Tamoda vinham a comentar a estupidez da professora e do ódio que o “povo-cavalgadagem”, nos dizeres do Tamoda, mostrava contra o “homem de ndunda”.

Nos cadernos que os pais compravam para exercícios, o professor, depois de regressar, encontrou muitos vocábulos que não constavam em nenhum dicionário português. Eram de invenção de Tamoda, e muitos deles de significação pornográfica.

O Curso do Tamoda encerrado”. (*“Mestre” Tamoda*, pp. 14/15).

Um outro autor, também angolano, Arnaldo Santos²⁰, no conto “A Menina Vitória”, retrata o mesmo tema do choque lingüístico, ao abordar o contexto do ensino da Língua Portuguesa numa escola de um musseque (favela) de Luanda: “Nas suas redações vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de poisar nelas, decorava os nomes das árvores, das aves, dos jogos descritos no seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de-junco que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trêmulo atrás dos muxitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção de seus jogos de atreza** cassambula.*** Imitava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-a das pequeninas realidades insignificantes que ela vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis” (pp. 34 e 35).

* Putos do Tamoda: português do Tamoda.

** Atreza: jogo infantil que consiste em colocar o adversário em inferioridade, surpreendendo-o e pronunciando a expressão “atreza ninguém me atreza”.

*** Cassambula: brincadeira infantil que consiste em bater na mão de outrem para tirar-lhe o que estiver comendo.

20 SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixi e outras prosas*. São Paulo, Ática, 1981.

Luandino Vieira²¹, autor conhecido no Brasil, que para alguns críticos lembra a prosa de Guimarães Rosa, recria a linguagem a partir da língua oral falada nos musseques onde viveu “sete anos de boa infância descuidada”. No conto “O fato* completo de Lucas Mateso”, presentifica-se um exemplo: um dia, ao receber a visita da esposa, Lucas Mateso, que estava detido por suspeita de atividades nacionalistas, pede para que esta lhe traga um “completo”, o que despertou suspeitas nos guardas. Ao voltar, quando de nova visita, a esposa traz-lhe roupas limpas, um fato — o completo que o marido lhe pedira com tanta insistência. Os guardas revistam tudo, descosturam o terno e nada encontram. Submetem Lucas a um interrogatório violento e nada conseguem. Lucas volta à cela, maltratado mas feliz, pois sente-se vitorioso na medida em que percebeu que os guardas não haviam entendido o que pedira à esposa: o completo, um gostoso prato quente feito à base de peixe, bananas e azeite de palma, agora elevado a ato de resistência cultural.

Os exemplos se multiplicam e nos levam a concluir que estamos perante uma literatura de circunstância, resultante de um processo histórico e social específico. O que irá ocorrer no futuro depende essencialmente de um ato de vontade de cada um dos países em causa. A par dos textos em português, certamente cada vez mais caracterizado por novos textos em crioulo, provavelmente, começarão a aparecer textos nas línguas nacionais. O último livro editado pela Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, o *Cancioneiro Popular Angolano*, 1962, “é reivindicativo da virtualidade analítica do negro, prelúdio de um impulso que estagnou à falta de energia estimulante, centelha de luz amortecida no negativismo social”, afirmação que escrevi²² tendo em vista a aceitação do homem negro e das línguas nacionais como fato cultural, num período em que o racismo e o colonialismo eram o parâmetro. Com a independência e a conseqüente diminuição do problema racial, a par do estudo das línguas nacionais e do uso do português cada vez mais caracterizado pelos acréscimos com as línguas africanas, acredito que a denominação Literatura Angolana, Literatura Moçambicana, Literatura São-Tomense, Literatura Guineense, Literatura Caboverdiana, a par das já consagradas Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, seja a denominação mais correta e abrangente, uma vez que esta denominação cobre toda as situações no espaço nacional de cada país.

21 VIEIRA, Luandino. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo, Ática, 1979 (com um estudo de Fernando Mourão, “Memória antiga num tempo novo”). *Luanda*. São Paulo, Ática, 1982.

* Fato: terno.

22 MOURÃO, Fernando A. Albuquerque. *A Sociedade Angolana através da Literatura*, São Paulo, Ática, 1978.
Contistas Angolanos. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1960.

Nas suas linhas gerais, a literatura angolana abrange vários períodos. Desde os precursores, Cordeiro da Mata, Alfredo Troni, José da Silva Maia Ferreira, Assis Junior e Castro Soromenho, este último estabelecendo a virada dos precursores, até aos autores mais recentes, entre os quais Manuel Rui, Arlindo Barbeitos, e outros mais novos, surgem vários nomes ligados a movimentos fundamentais. "Vamos Descobrir Angola", a geração da *Mensagem* (1951), órgão da Associação dos Naturais de Angola, que, na segunda fase, em 1957, colaborei, caracteriza-se esta fase por certa africanidade.

O histórico da literatura angolana²³ registra entre outros Antônio Cardoso, Viriato da Cruz, Antônio Jacinto, Henrique Guerra, Henrique Abranches, Mário Antônio, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Lima, Costa Andrade, Jofre Rocha²⁴, Pepetela²⁵, Arnaldo Santos²⁰, Luandino Vieira²¹, Mendes de Carvalho, Agostinho Neto, autor de *Sagrada Esperança*²⁶, com algumas poesias publicadas no Brasil, e Boaventura Cardoso²⁷.

Entre os autores moçambicanos cabe citar: Noemia de Souza, Marcelino dos Santos (Kalungo), Rui Nogar, José Craveirinha, Fernando Ganhão, João Dias²⁸, um dos precursores da moderna literatura moçambicana, Orlando Mendes²⁹ e, finalmente, Luis Bernardo Honwana³⁰, escritor de grande densidade, cuja obra reflete as relações entre colonizados e colonizadores — os dois grupos preponderantes da situação colonial — junto com os grupos intermediários, no caso de Moçambique, a população de origem indiana. A vigorosa narrativa de Honwana desvenda o emaranhado e a dinâmica dessas relações. Entre os órgãos de imprensa que melhor espelham os problemas culturais e sociais de Moçambique, citamos o jornal *O Brado Africano*, cuja coleção vem sendo hoje objeto de estudo.

São Tomé e Príncipe, a ilha verde do Atlântico, tem dado excelentes poetas: Francisco Stokler (1839-1844), que escreveu em crioulo; Costa Alegre (1864-1890) e, entre os contemporâneos, Francisco José Tenreiro —

23 ERVEDOSA, Carlos. *Roteiro da Literatura Angolana*. Lisboa/Luanda, Edições 70/União dos Escritores Angolanos.

24 ROCHA, Jofre. *Estórias do Musseque*. São Paulo, Ática, 1980.

25 PEPETELA. *As aventuras de Ngunga*. São Paulo, Ática, 1980. *Mayombe*, São Paulo, Ática, 1982.

26 NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Luanda/Lisboa, União dos Escritores Angolanos — Sá da Costa, 1979.

Poemas de Angola. Rio de Janeiro, Codecri, 1976.

27 CARDOSO, Boaventura. *Dizanga dia Muenhu*. São Paulo, Ática, 1982.

28 DIAS, João. *Godido*. Lisboa, Casa dos Estudantes do Império, 1952.

29 MENDES, Orlando. *Portagem*. São Paulo, Ática, 1981.

Sobre a literatura moçambicana. Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1982.

30 HONWANA, Luis Bernardo. *Nós matamos e Cão-Tinhoso*. São Paulo, Ática, 1980.

talvez o poeta africano dos países de língua comum mais próximo da negritude — e Thomás Medeiros, Manuela Margarido e Alda do Espírito Santo. Entre os mais novos surge o nome de Carlos Espírito Santo. Na ficção, caberia citar Antônio Domingues, já ressaltado anteriormente e, até certo ponto, Sum Marky, autor de obra extremamente desigual.

A temática dominante da maioria destes autores situa-se, em boa parte, dentro das palavras-chaves com que Mário de Andrade classifica os autores que integram a sua última antologia: infância, mulher, amor, africanidade, protesto, contrato, canto armado, vem a independência-flor.

Alguns autores mais recentes ultrapassam este esquema teórico, restando-se, nesta perspectiva, os nomes de Pepetela com *Mayombe*, Manuel Rui³¹, em *Quem me dera ser onda*, e Ruy Duarte de Carvalho, no seu *Como se o mundo não tivesse leste*. As situações geradas com as independências certamente levarão ao surgimento de novos surtos literários.

A literatura brasileira teve um papel muito importante para boa parte dos autores africanos. Para o escritor e ensaísta caboverdiano Baltasar Lopes, vários escritores brasileiros tiveram influência em Cabo Verde³²: na ficção, José Lins do Rego, do *Menino do Engenho e Bangüê*; Jorge Amado, do *Jubiabá e Mar Morto*; Amândio Fontes, de *Os Corumbas* e Marques Rebelo, de *O caso da mentira*. Na poesia, Manuel Bandeira e Jorge de Lima. Nos últimos anos do período colonial, a presença da literatura brasileira já não se fazia sentir tanto, face às dificuldades de circulação das obras literárias publicadas no Brasil. Por parte de Portugal, nota-se uma certa influência, em Cabo Verde, da revista *Presença* e dos autores neo-realistas. A influência destes atinge Angola e Moçambique, onde, no período colonial, registrou-se forte influência de Jorge Amado e José Lins do Rego e, mais tarde, Graciliano Ramos, autor que teve o prazer de fazer chegar às mãos de vários jovens contistas angolanos. A semelhança da problemática, em alguns casos, da literatura dos ciclos do Nordeste e a de Jorge Amado, quer pela sua temática, quer por trazer temas e figuras populares, marca profundamente esta influência, a exemplo de *Capitães de areia*, que fazia lembrar os meninos dos musseques de Luanda.

É curioso notar o fato de que a literatura africana, em geral, a dos países de língua portuguesa, ou seja as literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, não são ainda conhecidas e divulgadas no Brasil. Apenas podemos citar alguns casos isolados, como o de Castro Soromenho, que teve dois de seus romances, *Terra mor-*

31 RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. Luanda, Instituto Nacional do Livro e do Disco.

32 LOPES, Baltasar. *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre*. Praia, Imprensa Nacional, 1956.

ta³³ e *A chaga*³⁴, publicados pela primeira vez no Brasil, o primeiro em 1949 e o segundo, um ano após a sua morte, ocorrida em São Paulo, onde se encontrava exilado. Costa Andrade³⁵ é editado em São Paulo, Manuel Lima³⁶, no Rio de Janeiro, e Luis Romano³⁷, publicado em 1965. Algumas revistas, como o *Tempo Brasileiro*, dirigida por Eduardo Portela, começam a chamar a atenção para o continente africano. Mais tarde, a Nova Fronteira lança a tradução de cinco escritores africanos francófonos e anglófonos, dentro da Coleção Romances da África, infelizmente interrompida.

A difusão da literatura africana, em termos de um mapeamento literário do continente³⁸ — registrando as principais correntes, tanto do período colonial quanto da fase pós-independências, e abrangendo autores com formação diversa — é atualmente objeto da Coleção Autores Africanos, da Editora Ática, que já conta com cerca de 23 títulos editados nos últimos três anos.

A criação de alguns cursos de literatura africana em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre, surge como uma novidade promissora. Auguramos o estudo destas literaturas, principalmente as dos países de língua portuguesa — a exemplo do que já ocorre com o francês no espaço dessa língua — do ponto de vista lingüístico, na perspectiva defendida por Celso Cunha e Antônio Houaiss, pois o estudo do português comparado certamente colocará em relevo os aspectos mais dinâmicos e as mutações que a Língua Portuguesa vem sofrendo em cada espaço em que é falada.

- 33 SOROMENHO, Castro. *Terra Morta*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1949.
- 34 SOROMENHO, Castro. *A Chaga*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.
- 35 COSTA ANDRADE, Fernando. *Tempo angolano em Itália*. São Paulo, Felmann-Rêgo, 1963.
- 36 SANTOS LIMA, Manuel. *As sementes da liberdade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- 37 ROMANO, Luis. *Famintos*. Rio de Janeiro, Leitura, 1962.
- 38 PONTES, Mário. Um Mapa da África Literária, *Jornal do Brasil*, 28/5/83.